

INCLUSÃO DE PESSOAS IDOSAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DESCRITIVO-EXPLORATÓRIO

INCLUSION OF OLDER ADULTS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO: A DESCRIPTIVE-EXPLORATORY STUDY

Vitória de Oliveira Gama¹, Claudia Reinoso Araujo de Carvalho²

RESUMO

O acesso da população idosa à educação compreende o direito à compreensão do mundo, participação social e qualidade de vida. O objetivo deste trabalho foi analisar as matrículas de estudantes com mais de 60 anos nos cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tratou-se de uma pesquisa descritiva-exploratória, a partir da análise quantitativa das informações sobre as matrículas de estudantes com mais de 60 anos, inseridos em cursos de graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os dados foram discutidos e analisados em relação ao gênero, idade, modalidade e às áreas profissionais escolhidas. Os resultados indicaram que há uma diferença significativa relacionada ao gênero, com maior participação feminina na modalidade presencial. Constatou-se disparidades em áreas ligadas às exatas, possivelmente devido à tendência histórica de escolhas profissionais alinhadas às questões de gênero. Além disso, os estudantes idosos com idade acima de 70 anos foram minoria em todas as áreas e gênero. Conclui-se que, para promover a maior inclusão de idosos na educação superior, é essencial desenvolver políticas e práticas afirmativas, adaptadas às necessidades específicas dessa população.

Palavras-chave: Cursos de Graduação. Ensino Superior. Pessoas Idosas. Universidade.

ABSTRACT

Access of the older population to education encompasses the right to understand the world, social participation, and quality of life. The objective of this study was to analyze the enrollment of students over 60 years of age in undergraduate programs at the Federal

¹ Terapeuta Ocupacional graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com atuação nas áreas de saúde infantojuvenil e gerontologia. Atualmente, é estudante de pós-graduação em Neurodesenvolvimento do Infantil ao Envelhecimento e Integração Sensorial, aprofundando conhecimentos teórico-práticos voltados à avaliação e intervenção em diferentes fases do desenvolvimento humano. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. vitoriaoliv.to@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0000-7176-5404>

² Professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, com foco na Terapia Ocupacional, no envelhecimento humano e em suas interfaces com a cultura e as Ciências Humanas e Sociais. Desenvolve pesquisas sobre participação social e comunitária de pessoas idosas, direitos culturais, vulnerabilidade social, identidade cultural, memória coletiva e tecnologias sociais, além de temas relacionados à formação profissional, metodologia de ensino e pesquisa, extensão universitária e inovação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. claudiareinoso@medicina.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-4105-9191>

University of Rio de Janeiro. This was a descriptive-exploratory study based on a quantitative analysis of information regarding the enrollment of students over 60 years old in undergraduate courses at the Federal University of Rio de Janeiro. The data were discussed and analyzed in relation to gender, age, modality, and the professional fields chosen. The results indicated a significant difference related to gender, with greater female participation in on-campus programs. Disparities were observed in fields related to the exact sciences, possibly due to the historical tendency of professional choices aligned with gender issues. In addition, students over 70 years of age were a minority across all fields and genders. It is concluded that, to promote greater inclusion of older adults in higher education, it is essential to develop policies and affirmative practices adapted to the specific needs of this population.

Keywords: Undergraduate Programs. Higher Education. Older Adults. University.

INTRODUÇÃO

Segundo o Censo Demográfico de 2022, a população idosa tem aumentado consideravelmente na última década, atingindo a marca de cerca de 32 milhões de pessoas idosas residentes no Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Tal fato implica na necessidade de políticas públicas direcionadas às pessoas idosas, inclusive no que tange à ao acesso à educação formal.

Estamos no meio da Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030), que é uma iniciativa da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), instância da Organização Mundial da Saúde (OMS), como estratégia destinada a melhorar a vida das pessoas idosas e ao seu redor. Esta iniciativa busca enfrentar os desafios do envelhecimento populacional, promovendo ações coordenadas e abrangentes para garantir que todos possam envelhecer com saúde e dignidade. Busca-se promover ações para combater estereótipos e preconceitos associados à idade, e promover uma imagem positiva do envelhecimento, na perspectiva de que ao mudar a percepção social, tende-se a criar um ambiente onde eles sejam respeitados e valorizados, incentivando dessa forma sua inclusão e participação. Além disso, a iniciativa propõe adaptar cidades e comunidades para serem mais acessíveis e inclusivas para com a população idosa. Isso inclui melhorar o acesso a serviços essenciais como transporte, moradia e espaços públicos, tornando-os seguros e convenientes. Ao criar ambientes físicos e sociais amigáveis, busca-se garantir que as pessoas idosas possam viver de forma independente

e participar ativamente da vida comunitária, promovendo um envelhecimento saudável e digno.

A educação formal, de acordo com a American Occupational Therapy Association - AOTA (2020), se caracteriza pela participação no ambiente educacional, no que tange às atividades acadêmicas, não acadêmicas, extracurriculares, tecnológicas e vocacionais. Nesse sentido, a educação no ensino superior não se restringe somente a assistir aulas, realizar leituras e trabalhos do curso no espaço físico da instituição, mas se estende para as relações interpessoais nos ambientes frequentados, estudos feitos em casa e atividades fora de sala de aula, como festas e desportos. Historicamente, o ensino superior tem sido frequentado e direcionado predominantemente para jovens adultos, visando à preparação para a inserção no mercado de trabalho. Apesar de o Estatuto do Idoso no Art. 20 (BRASIL, 2013, p. 17) assegurar o “direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”, é notório que isso não é efetivado na prática.

Para além do direito da pessoa idosa à educação formal, “a educação é um bem, um valor social necessário ao pleno desenvolvimento da pessoa, incluindo sua qualificação para o trabalho e para o exercício da cidadania” (RODRIGUES; et al., 2018, p. 204). Sendo assim, para estes autores, o acesso da população idosa à educação compreende o direito à compreensão do mundo, participação social e qualidade de vida.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ é uma instituição de ensino superior, que possui mais de cinquenta mil estudantes matriculados em 175 cursos de graduação, sendo 4 deles na modalidade à distância - Ciências Contábeis, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química. Em 1792, a UFRJ atuava como a primeira instituição de ensino superior do Brasil, posteriormente organizada como universidade. Referência em ensino, pesquisa e extensão, sua missão é “contribuir para o avanço científico, tecnológico, artístico e cultural da sociedade” e promover “a construção de uma sociedade justa, democrática e igualitária” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2023).

Diante disso, é evidenciada a necessidade de reflexão e percepção acerca da inclusão das pessoas idosas na educação formal e como se configura sua inserção nesse contexto educacional. Desta forma, questiona-se: “Como se caracterizam as matrículas de pessoas idosas inseridas na Universidade Federal do Rio de Janeiro?”. Portanto, o

objetivo desse estudo foi analisar as matrículas, no que tange ao curso, idade, sexo e modalidade de ensino, de estudantes com mais de 60 anos nos cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória, a partir da análise quantitativa das informações sobre as matrículas de estudantes com mais de 60 anos, inseridos em cursos de graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para o estudo, foram utilizados dados fornecidos pela Pró-Reitoria de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PR1), que mostra as matrículas de estudantes idosos em cursos de graduação presenciais e à distância da referida universidade, distribuídos nos campus na cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, separados em faixa etária e sexo. A partir destes dados, foram analisadas as matrículas, a partir das seguintes variáveis: curso escolhido, idade, sexo e modalidade de ensino.

Em relação ao curso escolhido, a partir de uma análise cuidadosa, foram estabelecidas 6 categorias que facilitaram a análise. São elas: **a) Ciências Exatas, Tecnologias, Matemáticas e da Terra**, que inclui os seguintes cursos: Astronomia, Bacharelado em Ciências Matemáticas e da Terra, Ciências Contábeis presencial e EAD, Ciências Econômicas, Engenharia de Bioprocessos, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia Elétrica, Engenharia Eletrônica e de Computação, Engenharia Matemática, Física, Física Médica, Licenciatura em Física presencial e EAD, Licenciatura em Química presencial e EAD, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Matemática, Matemática, Matemática Aplicada e Química Industrial; **b) Ciências Humanas e Sociais**, que inclui os seguintes cursos: Ciências Sociais, Direito, Filosofia, História, Licenciatura em Ciências Sociais, Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em História e Serviço Social; **c) Ciências Biológicas e da Saúde**, que inclui os seguintes cursos: Enfermagem, Fisioterapia, Gastronomia, Licenciatura em Ciências Biológicas presencial e EAD, Licenciatura em Educação Física, Medicina, Nutrição, Psicologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional; **d) Letras e Pedagogia**, que inclui: Letras Português - Espanhol, Português - Francês, Português - Grego, Português - Hebraico, Português - Italiano, Português - Russo, Licenciaturas de Português - Espanhol, Português - Francês, Português - Grego, Português - Hebraico, Português - Italiano, Português -

Latim, Português - Literaturas e Pedagogia; e) **Outros**, que incluem: Arquitetura e Urbanismo, Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Gestão Pública e Desenvolvimento Econômico e Social, Musicoterapia, Paisagismo, Teoria da Dança, Defesa e Gestão Estratégica Internacional, GPDES: Gestão do Setor Público e Nanotecnologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Considerando o ano de 2023, a Universidade Federal do Rio de Janeiro contava com aproximadamente cinquenta mil alunos distribuídos em 175 cursos de graduação (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2023). Segundo a Pró-Reitoria de Graduação (PR1), em 78 desses cursos, havia 324 estudantes com mais de 60 anos, o que corresponde a cerca de 0,53% do corpo discente. Desse total (324), 147 são mulheres e 177 são homens. Se considerarmos a idade superior a 65 anos, são 147 estudantes, sendo 84 homens e 63 mulheres, o que corresponde aproximadamente a 0,30% do total, estando esse valor ainda acima da média nacional. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020), no Brasil havia mais de 8 milhões de pessoas inseridas na educação superior formal, sendo quase 50% de jovens entre 18 e 24 anos e 0,13% de pessoas idosas acima de 65 anos.

Apesar de o Estatuto do Idoso garantir acesso à educação, aparentemente se trata da educação não formal, de forma recreativa e terapêutica. Nesse sentido, Rodrigues et al (2018) dizem que seu “objetivo não é capacitar o idoso para uma inserção ou manutenção no mercado de trabalho, mas mantê-lo ativo e integrado à sociedade [...], retirando da temática a habitual seriedade com que é discutida tecnicamente” (RODRIGUES et al., 2018, p. 203).

A educação superior formal desempenha um papel importante na formação de profissionais, conhecimento e desenvolvimento social, econômico e cultural na sociedade, sendo necessária a reflexão acerca da inclusão das pessoas idosas nesse contexto, visto que, segundo Tavares (2008 apud OLIVEIRA et al., 2016), essa população:

[...] busca, por meio da educação, ocupar um espaço social e, quando tem a possibilidade de ingressar em uma universidade,

umentam suas chances de participar ativamente do processo de aquisição de novos conhecimentos, contribuir para a construção de uma nova cultura a partir da bagagem de experiências adquiridas nos anos vividos e sentir-se na sociedade (p. 87).

Dessa forma, é necessário reconhecer que o acesso à educação superior ainda não é igualitário e que ainda existem desafios a serem superados, como a necessidade de adaptar métodos de ensino para atender às necessidades específicas desse grupo, superar barreiras tecnológicas e preconceitos etários, e garantir o acesso financeiro e físico aos recursos educacionais. Superar esses desafios exige um compromisso abrangente de instituições, políticas públicas e da sociedade para criar um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e intergeracional.

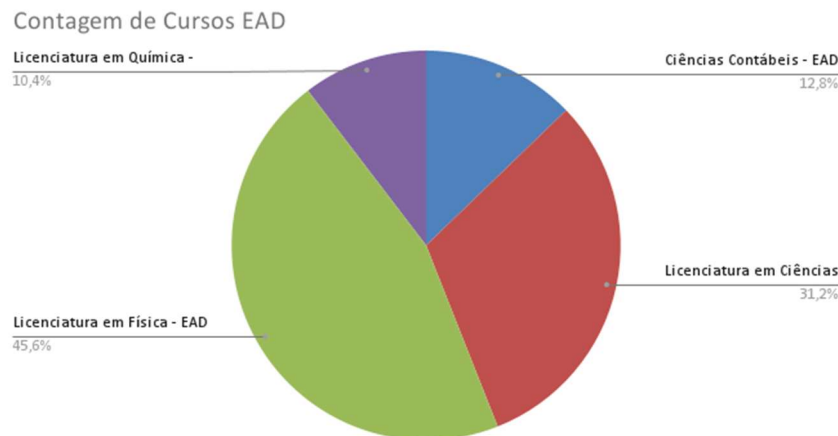
A média de idade considerando todos os estudantes idosos foi de aproximadamente 65 anos. Entre as mulheres essa média foi de 64 anos e entre os homens, 65 anos. Na modalidade EAD a média de idade é de 65 anos e na modalidade presencial é de 64 anos. A partir dos 70 anos, estão matriculados somente 46 estudantes, representando 14% do total de estudantes idosos (324).

Veloz, et al. (1999) identificaram três representações sociais do envelhecimento: através da perda dos laços familiares e da identidade física; perda da capacidade de trabalho; e desgaste natural; mostrando a complexidade da compreensão acerca do processo de envelhecimento. A partir da representação social da perda da capacidade do trabalho, cabe destacar Simone de Beauvoir (1970, p. 11) que também diz, em seu livro chamado “A Velhice”, sobre o aspecto social do envelhecimento, que o “material humano só interessa enquanto produz”, trazendo à tona a questão da perda da funcionalidade ligada ao sistema socioeconômico vivido atualmente, no qual os trabalhadores mais velhos, que acumulam uma vasta experiência e conhecimento, são frequentemente descartados em prol de mão de obra mais jovem e mais barata, perpetuando um ciclo de insegurança e precariedade e contribuindo para o aumento da desigualdade social e do empobrecimento da população idosa. Isto é, da mesma forma que o ensino superior formal era frequentado exclusivamente por membros da elite socioeconômica e, por isso, hoje existem alguns programas de acesso, há uma tendência histórica de priorização do acesso à educação para os mais jovens, que estão em idade economicamente ativa e buscam qualificação para o mercado de trabalho. Nesse sentido, as pessoas idosas podem

ser colocadas como incapazes de produzir conhecimento e frequentar espaços, como a universidade, diminuindo seu acesso conforme sua idade, demonstrado através da quantidade de estudantes idosos com mais de 70 anos.

A análise dos dados revela uma diferença significativa na distribuição dos estudantes idosos entre as modalidades de ensino presencial e à distância. Entre os 78 cursos frequentados por pessoas idosas, 4 são oferecidos na modalidade de ensino à distância (EAD), com um total de 125 alunos matriculados, representando aproximadamente 49% dos estudantes dessa modalidade, ou seja, quase a metade. Esses cursos são Ciências Contábeis, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, como mostra o gráfico:

Gráfico 1: Matrículas em Cursos à distância

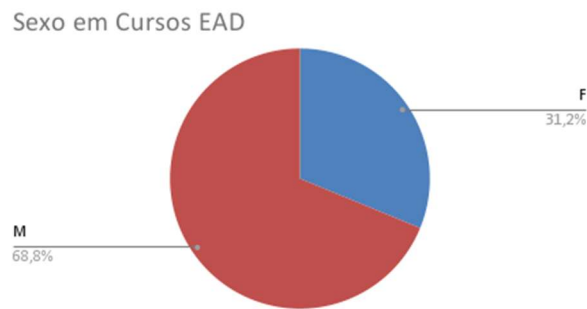


Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PR-1), UFRJ. Elaboração própria.

No total, a universidade possui 324 estudantes acima de 60 anos, considerando todas as modalidades de ensino. Isso destaca a preferência dos idosos pelo ensino à distância, possivelmente devido à comodidade e flexibilidade de horários, a validade dos diplomas reconhecidos pelo MEC e a disponibilidade de bolsas de estudos.

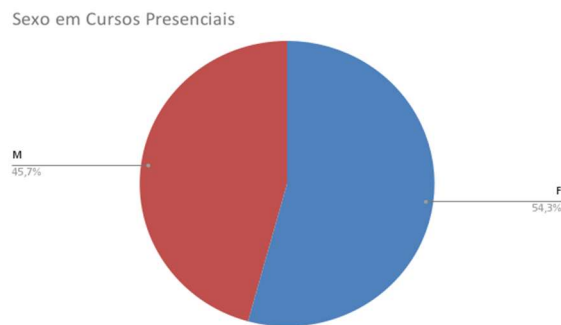
Na modalidade de ensino à distância não é diferente em relação ao sexo, que continua semelhante. Os homens representam quase 69% do total de estudantes desta modalidade, sendo 86 estudantes do sexo masculino para 39 estudantes do sexo feminino. Em contrapartida, na modalidade de ensino presencial, as mulheres estão em maior número, correspondendo a mais de 54%, sendo 108 estudantes do sexo feminino para 91 estudantes do sexo masculino.

Gráfico 2: Matrículas em Cursos à Distância em relação ao sexo:



Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PR-1), UFRJ. Elaboração própria.

Gráfico 3: Matrículas em Cursos Presenciais por sexo



Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PR-1), UFRJ. Elaboração própria.

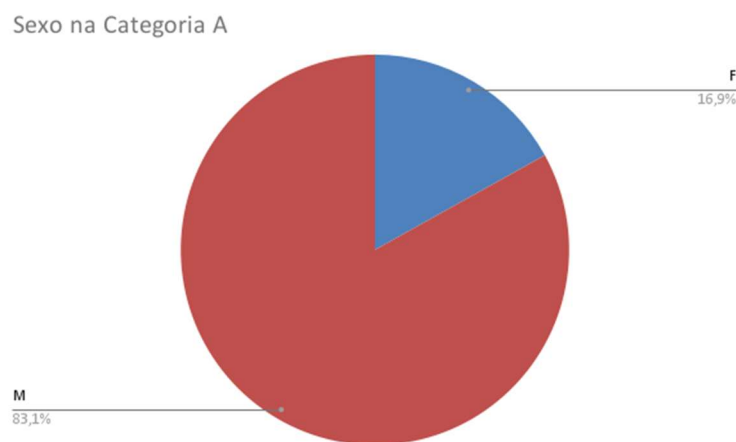
A participação feminina nas universidades tem crescido significativamente nas últimas décadas, refletindo mudanças sociais e políticas que promovem a igualdade de gênero na educação, que vem sendo discutido a partir dos movimentos feministas. Este aumento na presença feminina não apenas desafia antigos estereótipos de gênero, mas também contribui para a diversidade de perspectivas acadêmicas e para a inovação científica e tecnológica. Segundo o relatório da UNESCO de 2020, "World Atlas of Gender Equality in Education", as mulheres representam cerca a maioria dos estudantes de ensino superior globalmente, um aumento notável desde os anos 1970, quando constituíam menos de 30% das matrículas universitárias (UNESCO, 2020).

No ensino superior brasileiro, em 2014, as mulheres representavam mais de 53% nas universidades públicas e cerca de 58% nas faculdades particulares, também estando em maior número de estudantes concluintes de ambos (BARROS; MOURÃO, 2018).

O maior número de mulheres na modalidade de ensino presencial, pode ser explicado devido à sobrecarga doméstica, frequentemente mais pesada para as mulheres, tornando o aprendizado remoto particularmente desafiador, exacerbando desigualdades de gênero preexistentes. Esse papel de responsabilidade total pela casa e pela família, ditado por normas culturais e sociais que historicamente atribuíram às mulheres o papel de cuidadoras principais, podem levar à redução do tempo e da energia disponíveis para os estudos, dificultando o desempenho acadêmico nesta modalidade.

Na categoria dos cursos de Ciências Exatas, Tecnologias, Matemáticas e da Terra estão matriculados 118 estudantes idosos em ambas modalidades de ensino, sendo 98 homens e apenas 20 mulheres, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 5: Escolha por cursos de Ciências Exatas, Tecnologias, Matemáticas e da Terra por sexo



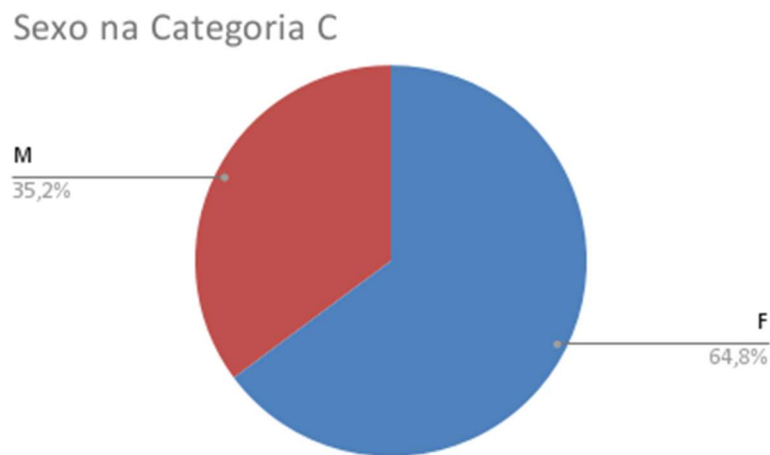
Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PR-1), UFRJ. Elaboração própria.

Apesar de representar a maioria da população, “as mulheres são incluídas como um dos grupos mais sub-representados nessas áreas” (OLIVEIRA; UNBEHAUM, 2019) devido a diversos fatores. Em um de seus estudos Carvalhaes; Ribeiro, (2019, p. 213) afirmam que "homens estão concentrados nos cursos de retornos muito altos, enquanto as mulheres nos cursos de retornos altos e baixos", o que reflete tendências observadas na nossa sociedade. Uma delas está relacionada ao enfrentar discriminação e barreiras institucionais que dificultam a entrada e a progressão em campos de alta remuneração

dominados por homens. Isso inclui desde preconceitos, falta de exemplos femininos e até a falta de políticas de apoio à maternidade, por exemplo.

Um componente significativo desses estereótipos é a percepção de que as mulheres possuem uma natureza "cuidadora" inata, o que as torna especialmente aptas para realizar atividades relacionadas ao cuidado. Este estereótipo se baseia na ideia de que as mulheres são mais empáticas, pacientes e sensíveis às necessidades dos outros, características consideradas essenciais para profissões como da área da saúde, ensino infantil e assistência social. Nesse sentido, observa-se que em cursos das categorias restantes (Ciências Humanas e Sociais; Ciências Biológicas e da Saúde; Letras e Pedagogia; Ligadas a Arte e a Música e Outros) há mais mulheres do que homens, em uma diferença significativa. Na área de Ciências Biológicas, há 35 mulheres, enquanto somente 19 homens estão matriculados nesses cursos. Na categoria de Letras e Pedagogia, as mulheres (26) representam o dobro do número de homens (13).

Gráfico 6: Escolha por cursos de Ciências Biológicas e da Saúde por sexo:



Fonte: Pró-Reitoria de Graduação (PR-1), UFRJ. Elaboração própria.

Já na categoria de Ciências Humanas e Sociais, a diferença é menor, sendo 31 homens para 38 mulheres. Em cursos ligados a Arte e a Música são 21 mulheres para 12 homens, e na categoria Outros são 7 mulheres e 4 homens.

Constatou-se uma discrepância em relação à faixa etária, considerando a idade maior e menor que 70 anos, mostrando que os estudantes idosos mais velhos estão em menor número em todos os cursos. Nos cursos relacionados às Ciências Exatas,

Tecnologias, Matemáticas e da Terra, por exemplo, há 99 alunos com idade entre 60 e 69 anos enquanto somente 19 têm idade acima de 70 anos. Já nos relacionados às ciências da Saúde são 48 alunos para 6 alunos com mais de 70 anos. Em relação ao sexo, as mulheres com mais de 70 anos são a minoria em todas as categorias, exceto nos cursos relacionados às Ciências Sociais, nos quais estão matriculadas 7 alunas para 5 alunos homens.

No total, são 46 estudantes entre 70 e 79 anos, mostrando que, independente da área, estes estudantes são a minoria dentro da universidade, levando a reflexão da importância da presença deles nas salas de aula, que poderia enriquecer o ambiente acadêmico e promover um aprendizado intergeracional valioso.

CONCLUSÃO

Este estudo explorou a inclusão e a participação de pessoas idosas na educação superior na Universidade Federal do Rio de Janeiro, enfocando as variáveis gênero, idade e curso escolhido.

Os cursos da universidade que mais reúnem pessoas com mais de 60 anos foram na área de: Ciências Exatas, Tecnologias, Matemáticas e da Terra, especificamente nos cursos de Ciências Contábeis (EAD), Licenciatura em Física (EAD) e Licenciatura em Química (EAD); Ciências Humanas e Sociais, principalmente no curso de Filosofia; e Ciências Biológicas, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (EAD). As mulheres estão em maior número em cursos da modalidade presencial e em áreas relacionadas ao cuidado, como saúde, educação e assistência social, e os homens em cursos à distância e relacionados à tecnologias. Para promover a participação mais ampla e inclusiva de pessoas idosas na educação superior, é importante desenvolver ações afirmativas. A educação ao longo da vida deve ser incentivada e facilitada, garantindo que todas as pessoas idosas tenham acesso às oportunidades de aprendizado contínuo e desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, recentemente a Universidade de Brasília promoveu um vestibular exclusivamente para pessoas idosas.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. **American Journal of Occupational Therapy**, Bethesda, v. 74, n. 2, p. 741-2410, 2020.
- BARROS, S. C. da V.; MOURÃO, L.. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. e174090, 2018.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso - 3. ed., 2. reimpr.** - Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 72 p.
- CARVALHAES, F.; RIBEIRO, C. A. C.. **Estratificação horizontal da educação superior no Brasil**: Desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional. *Tempo Social*, v. 31, n. 1, p. 195–233, jan. 2019.
- DE BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2022). Censo 2022, População por idade e sexo (Pessoas Idosas - 60 anos ou mais de idade). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- OLIVEIRA, E. R. B. de.; UNBEHAUM, S.; GAVA, T.. STEM education and gender: A contribution to discussions in Brazil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, p. 130–159, jan. 2019.
- OLIVEIRA, L. L. de; SARRAIPO, M. A. dos S.; SALLES, R. R.; LEÃO, M. A. B. G.; CASTRO, M. A. C. D. de; PACHECO, M. M. D. R. A presença do idoso no ensino superior brasileiro e os rumos dos modelos de ensino-aprendizagem. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, [S. l.], v. 4, n. 5, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/18847>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- RODRIGUES, P. M. A.; MAFRA, S. C. T.; PEREIRA, E. T. **O direito da pessoa idosa à educação formal no Brasil**: Um caminho para o exercício da cidadania. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 187–209, 2018.
- UNESCO. (2020). World Atlas of Gender Equality in Education. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000215522>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2024 / Comissão de Elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional**. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordcom, 2021. 424 p. Acesso em: 10 jun. 2024.
- VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V.. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 2, p. 479–501, 1999. DOI: 10.1590/S0102-79721999000200015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/VCfX7sxTFPjKYBJgnYVDbpv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.